

Le Drôle de de Mai ou os pontos críticos locais exasperante, apaixonados e conflituosos do enfrentamento cultural

José da Silva Ribeiro

Abstract

The ' happenings ' of May 1968, by its magnitude, by the role young people and foreigners had in it , by the new forms of action and participation that gave rise and for some aspects qualitatively new of the presented claims, not only revealed a political force of the labour movement (paralyzing power and blocking institutions), but were also a « subversive » experience of invaluable work and practical significance in the development process of social struggles, both in France as in other European countries. It has also inaugurated a new stage that came to have the meaning of a true «historical mutation»: the «Union» power gave way to the «workers' power» that spread throughout Europe – France, Italy, Germany and Sweden. Portuguese immigrants in France, coming from rural areas, continued to practice a traditional Catholicism stating to know nothing of unions, or identifying unions, politics and communism. It was however in contact with these events which started a fundamental stage in the process of integration of Portuguese immigrants in the « labour movement». The film by José Vieira , *Le Drôle de Mai Chronique des années de boue* (2008), tells us, fifty years later, as were experienced those times of fear of being sent back to the misery that had left, the civil war or communism, exasperating sites hotspots, passionate and conflicting of cultural confrontation. It tells us also the result of opening to the world and to the problem of migration.

keywords: May 1968, portuguese immigrants, cinema, passionate, conflicting, cultural confrontation.

Introdução

Porquê escrever este texto no quadro atual? Porque este filme? Porque é necessário escrever sobre os filmes? O maio de 1968 em França foi uma revolução política derrotada, pois De Gaulle e o regime da V República sobreviveram, mas, ainda assim, foi uma revolução. Mesmo derrotada abriu caminho para reformas, entre elas, mudanças socioculturais progressivas que eram inadiáveis. Os direitos da mulher passaram a ser parte da agenda política: o direito ao divórcio, a legalização do aborto, a criminalização da violência doméstica, entre outros, encontraram reconhecimento legal, mais rápido ou mais lentamente, em inúmeros países. Os direitos da juventude, foram também ampliados. Não nos deveria surpreender que muitos se tenham dedicado, nas décadas seguintes, a exorcizar o fantasma, ou o perigo, da revolução social anticapitalista, aplaudindo as reformas político-culturais. Mas as reformas não foram obra da contrarrevolução. Foram, essencialmente, um subproduto da revolução. O maio de 1968 desenvolveu-se, ainda, no contexto de uma vaga revolucionária internacional, a maior greve

geral da segunda metade do século XX fez tremer a ordem mundial. Nas ruas de Saigão revelava-se para o mundo que, o Império mais poderoso da história não conseguira alcançar uma vitória militar no Vietname. De Paris ao Rio de Janeiro, de Praga à Cidade do México, de Turim a Córdoba, na Argentina, sem esquecer as batalhas decisivas das guerras de libertação nacional contra o Império Português em Guiné, Angola e Moçambique, em quatro continentes, a revolução abria frentes de combate.

A manifestações e a greve geral de maio de 1968 não aconteceram num cenário de recessão ou estagnação económica em França mas num período em que os salários reais aumentam em média de 5% ao ano. Para alguns setores da sociedade – trabalhadores qualificados e profissionais em particular – as expectativas do que significava para eles o *boom* pós-guerra estava a concretizar-se e a aumentar realmente. Em 10 anos, a compra de carros dobrou, assim como o número de máquinas de lavar e de frigoríficos. Mais de um milhão de segundas casas foram compradas. A compra de aparelhos de televisão quintuplicou. O vídeo começa a ser usado, Jean Luc Godard faz os primeiros registos em vídeo destes acontecimentos. Foi este proletariado, supostamente aburguesado pela sociedade de consumo, que implementou a maior greve geral da história. Foi esta classe trabalhadora que usou todo o seu poder para fazer uma revolução. Há, portanto uma aparente contradição entre o aumento nas condições de vida dos trabalhadores, que comentaristas superficiais acreditavam que estabilizaria o capitalismo (e portanto de Gaulle) e a eclosão da revolução. Os acontecimentos de maio-junho de 1968 confirmam a análise do marxismo de que as condições para a revolução não são preparadas automaticamente, seja por uma recessão ou uma melhoria económica, mas pela mudança de uma época para outra. Mas os operários não estavam sós nem iniciam os acontecimentos de maio de 1968. São os estudantes universitários que iniciam a contestação. Cerca de um terço da população francesa tinha e 1968 menos de 20 anos de idade e cerca de 500000 frequenta a Universidade. A Universidade de Nanterre – Paris X, criada em 1964 admitiu nesse mesmo ano 23.000 estudantes e em 1968 eram cerca de 100.000 os estudantes que a frequentavam ou nela se aglomeravam. A Universidade tinha sido criada na periferia, entre autoestradas e *bidonvilles* habitados por migrantes portugueses, espanhóis e magrebinos, para aliviar a pressão “formigueiro do Quartier Latin”. Os estudantes eram afastados do centro da cidade para a periferia e o ensino tornado periférico e massificado. Foi aí que nasceu o Movimento 22 de Março de Daniel Cohn Bendit e ocupada a Universidade na sequência de protestos conta o modo como os manifestantes contra a guerra do Vietname eram tratados. A grande maioria dos estudantes universitários, são referidos 90%, eram

filhos e filhas da burguesia e pequena-burguesia. Até os filhos de ministros estavam envolvidos nos eventos de maio de 1968, assim como os do Chefe da Polícia! Amontoar esta “juventude dourada”, em ineficientes e miseráveis “fábricas de educação”, que mantinham uma rígida abordagem para a educação e a vida social no campus, causou inevitavelmente um rompimento no relacionamento estudante-professor. Havia uma convicção generalizada de que os espiões da polícia estavam operando intensamente nos campi, com a convivência das autoridades universitárias. Livrarias e laboratórios transbordavam, salas de leitura estavam superlotadas e três quartos dos estudantes não chegavam ao fim de seus cursos. Metade dos estudantes franceses de então não completava seus cursos necessitando para sobreviver e continuar os estudos de trabalhar adicionando assim um esforço complementar à capacidade de estudar.

É neste contexto que a polícia intervém na Universidade e que alguns estudantes são presos e condenados. A Universidade de Nanterre é fechada, por ordem do Reitor em 2 de maio. Nos dias seguintes seguem-se confrontos entre estudantes conotados politicamente com a direita e a esquerda, reuniões com os estudantes da Sorbone. Centenas de estudantes são presos. A 6 de maio manifestam-se 60 mil pessoas no Quartier Latin em Paris que, reprimidas brutalmente pela tropa de choque, recolhem a simpatia da população parisiense e a indignação dos trabalhadores. Os estudantes erguem barricadas com o que lhes vem à mão. O Partido Comunista Francês apoiou os estudantes. No dia 13 de maio a federação dos sindicatos convoca uma Greve Geral. Quando reconstituímos a história do maio de 1968 impossível não pensar nos acontecimentos de 1974 em Portugal, na chamada Primavera Árabe, ou nas manifestações que percorrem, neste mês de junho, as principais cidades brasileiras.

Nas periferias de Paris acumulam-se nos *bidonville* provenientes de Portugal, Espanha e do Norte de África dando resposta à carência de mão-de-obra necessária ao crescimento econômica e a refazer as saídas decorrentes do acesso à Universidade.

Entre os emigrantes dos *bidonville* estão os portugueses provenientes de zonas rurais e do setor agrícola, analfabetos, expulsos do país para fugirem à guerra colonial, à baixa produção agrícola e ao crescimento demográfico. Se para muito poucos, os intelectuais migrantes que frequentavam a universidade, esta situação constituía um pronto crítico apaixonado do enfrentamento cultural e um incentivo à luta contra o regime que os exilava, para a maior parte dos imigrantes portugueses a residir nos arredores de Paris este enfrentamento é conflituoso e exasperante. Milhares de portugueses regressam a Portugal. Outros, impossibilitados de regressar, acrescentam às precárias condições de alojamento e exploração de mão-de-obra o medo e o receio. O filme de José Vieira, *Le Drôle de Mai Chronique des années de boue* (2008), traz-nos, quarenta anos após estes acontecimentos, a voz apagada dos acontecimentos da época vividos pelos migrantes portugueses habitantes

dos *bidonville* e embora “se afastados da centralidade dos processos sociais e políticos são atores dos filmes e os acontecimentos e situações representadas são frequentemente testemunhos de vida dos migrantes. No entanto, os filmes “fazem destes homens e mulheres e das suas histórias visíveis, cidadãos de um universo cinemático que produz um homem imaginário, tanto no ecrã como no público que deles se apropria. Nesta apropriação há sempre uma dimensão afetiva, estética, poética, mesmo que dramática” (Ribeiro, 2009).

Acontecimento principal

O acontecimento principal deste filme consiste no desvendar a posição dos imigrantes portugueses em França aquando dos acontecimentos de maio de 1968, a reposta à pergunta inicial do filme: que é que se passou nos *bidonville* no maio de 68 e qual a sua reação e a reação dos outros portugueses? O filme focaliza três realidades e dois tempos diferenciados: os acontecimentos de maio de 68 em Paris, a vida dos imigrantes portugueses nos *bidonville* nos arredores da cidade em imagens de arquivo, a situação política portuguesa que deu origem à migração (causas da migração) em imagens e arquivo e as vozes dos migrantes portugueses que viveram esses acontecimentos quarenta anos depois. Trata-se pois de uma narrativa multissituada no tempo e no espaço. As vozes silenciadas em maio de 1968 pelo governo francês, pela omnipresença da polícia política portuguesa e pela dificuldade de compreensão e recusa de participação nos complexos e inesperados fenómenos que estavam a acontecer ganham um papel importante na interpretação da experiência vivida dos “anos da lama” (*Chronique des années de boue*). O filme gira em torno da narrativa de um homem, José Vieira, em busca da história de imigrantes portugueses apanhados e encurralados nos acontecimentos do maio de 1968. Nos primeiros dias de bom tempo o *bidonville* tornava-se uma aldeia portuguesa. Quando a primavera chegava, a lama começava a secar. No domingo, havia bailes, as famílias encontravam-se. Pairava no ar o cheiro de nostalgia ainda fresca. Mas na Primavera 68, em meados de maio, o ar de repente tornou-se insuportável. A atmosfera envenenada de rumores e medos mais irracionais. Os imigrantes portugueses tinham vindo para a França para escapar à pobreza. Dedicavam todas as suas forças na procura de uma vida melhor. A revolta de maio constituía uma complexa situação que colocava em risco todos os seus propósitos – o do trabalho e de angariar um pecúlio que os tirasse da miséria de onde partiram mas constituíam também a ameaça de serem de serem extraditados de França e de terem de regressar a Portugal de onde, um grande número tinha saído clandestinamente (*a salto*). Os acontecimentos geraram, pois, junto dos portugueses, o medo de serem mandado de volta à miséria que haviam deixado numa situação económica e política particularmente difícil e pior que a da situação de partida. Maio de 68 foi para eles um período de desordem, revolta, e perigo. Dificilmente compreendiam a revolta estudantil e suas palavras

mobilizadoras e, sua participação nos sindicatos eram reduzidos quer pela oposição dos sindicatos franceses em relação à imigração quer porque uma grande parte dos migrantes portugueses eram, em Portugal, agricultores, do interior e norte do país, sem qualquer contato com movimentos operários, ou com o exterior (muitos dos migrantes tinham apenas saído de suas terras para cumprirem o serviço militar ou mais raramente para ocuparem os lugares de marçanos nas cidades mais próximas). Eram católicos, conservadores e profundamente marcados pela ideologia do regime do Estado Novo (Salazarismo). Em plena greve geral, dezenas de moradores dos *bidonville*, apenas alguns dos que estavam legalmente, regressaram de emergência a Portugal. Aquando dos acontecimentos do Maio de 68, a imigração portuguesa estava apenas começar a estabelecer-se em França. A maior onda de imigração que França conheceu começou em 1963. Em 1968, havia 300.000 portugueses em França. Maio de 1968 vai surpreendê-los e por em causa seus desígnios de regresso para construir uma casa no país de origem. Estavam num beco sem saída, de mãos e pés atados, em todas as suas saídas possíveis. Os acontecimentos do Maio de 68 foi um choque para os portugueses recém-chegados. De origem camponesa, e, muitas vezes analfabetos, nasceram e cresceram sob a opressão de Salazar. Em Portugal, a greve foi considerada um crime, a acusação e a delação era um sistema instituído como causa nacional, a guerra colonial constituía não só um sorvedouro das remessas dos emigrantes mas uma ameaça para os mais jovens que saiam do país antes de cumprirem o serviço militar obrigatório. Esta imigração foi vigiada e frequentemente confundida com um movimento de emancipação e contestação do regime. Muitos entram em pânico com a ideia de que uma guerra civil poderia eclodir e que os comunistas podiam tomar o poder. Milhares de portugueses fizeram as malas para voltar a Portugal. Por outro lado, para os adversários de Salazar, que viviam na França, o maio de 1968 era uma grande oportunidade para a sua luta contra a ditadura, para a ação política na junto à comunidade portuguesa, para o despertar de seus compatriotas para a democracia para a inserção nos sindicatos e movimentos operários.

Contexto de produção do filme

José Vieira, o realizador do filme nasceu em Oliveira de Frades, do distrito de Viseu e foi para França aos 7 anos em 1965. Viveu sua infância num *bidonville* de imigrantes portugueses. É da vivência desta situação que extrai a experiência de vida que coloca nos filmes que realiza e de forma particular em *Le Drôle de Mai Chronique des années de boue* (2008) que lhe permitiu abordar um extenso percurso migratório de 40 anos e os pontos **críticos locais exasperante, apaixonados e conflituosos do enfrentamento cultural** entre os portugueses imigrantes nos arredores Paris com a cronologia dos acontecimentos que se desenrolam primeiros nas Universidades (Nanterre e Sorbone) e posteriormente no Quartier Latim e em muitas das Ruas de Paris (recordar a cronologia dos

acontecimentos dos primeiros quinze dias de maio de 1968). Aos 16 anos toma contato com as mudanças políticas verificadas em Portugal em Abril de 1974 “ não propriamente pelos meus pais” mas pelas canções, pelos movimentos de opinião, pelo contato com cantores exilados em França Luís Cília e José Mário Branco. Torna-se militante nos movimentos cívicos dos emigrantes, na FASTI, no CEDEP, na marcha para a igualdade do movimento Convergence 84, no Mouvement Beur. “Trabalhei com várias emigrações e encontro o mesmo tipo de problemas em todas elas. A rutura difícil”. Em 1989 concebeu a exposição *Le Rêve Portugais* que ainda hoje é apresentada. Logo depois realizou o seu primeiro filme *Week-end en Tosmanie* (1985) em que tenta mostrar o que há de comum a todos os processos migratórios. Depois continuou com a realização de mais filmes que constam do conjunto de DVDs *Gente do Salto – memória dos portugueses que fugiram para França nos anos 60* (2005) e, embora haja outros imigrantes portugueses que realizaram filmes sobre os portugueses em França afirma: “Sinto-me completamente sozinho a fazer este trabalho, a falar dos emigrantes, dos Portugueses que foram obrigados a deixar Portugal... Tento partir da minha própria experiência pessoal e dar-lhe uma dimensão coletiva e política. Nunca ninguém disse ao meu pai porque razão ele teve de sair de Portugal. Ele sempre se sentiu culpado mas eu quero dar-lhe dignidade. É para isso que trabalho” (Brunswic, 2009).

Entre 1989-1990, Vieira trabalhou na série *Racines* da France 3 com Gérard Noiriel, sobre diversas comunidades migrantes radicadas em França. Foi o período intenso de formação e trabalho sobre arquivos que viriam a orientar sua vida profissional ligada ao cinema e às migrações. Aborda as múltiplas facetas da imigração – o salto ou imigração clandestina, a integração, a memória do processo migratório, a impossibilidade do regresso... No filme *Le pays où l'on ne revient jamais* (2006) a personagem principal é o seu pai um dos migrantes que passa toda a sua vida a pensar no regresso e que, em chegando à reforma, conclui que o seu lugar não é mais em Portugal mas em França onde entretanto a família crescera e se instalara. A emigração que lhe tinha permitido a abertura ao mundo paradoxalmente o fixa a um outro território e o regresso torna-se impossível. Talvez um drama humano de quem nunca saiu realmente da “comunidade” onde nascera e crescera independentemente de se situar em Portugal ou em França.

Le Drôle de Mai, Chronique des années de boue (2008) constitui, segundo Vieira, uma terceira etapa que conta os anos que se seguem a 1968, instalação progressiva na sociedade francesa decorrentes das mudanças verificadas em França com o *maio de 68* e em Portugal com a *Revolução dos Cravos*. Os portugueses ainda que aparentemente bem integrados, e muito, por certo, realmente bem integrados, sentem-se, por vezes, considerados como gente sem história e sem voz. O filme restitui-lhes a voz e a história dos anos da lama. Retira-os desse tempo e projeta-os num país que, na altura de realização do filme ainda tinha voz e onde se teciam solidariedades com os migrantes que

do Brasil, África ou dos países do Leste se instalavam em Portugal como imigrantes. O trabalho do realizador só se tornou possível por partilhar com eles a história e o percurso migratório porque “se exprimem pouco, de maneira surda, o que torna difícil fazer filmes com eles” (Vieira, 2009).

O que é que se passou nos bidonville no maio de 68 e qual a sua reação e a reação dos outros portugueses? Esta é a pergunta de partida para o filme. Os interlocutores prestam seus depoimentos enquanto a rua está cheia de uma população jovem em protesto (imagens de arquivo). O filme é também um repositório de fotografia de família, registadas por amadores, por vezes surpreendidos no ato de fotografar. A narrativa é conduzida pela voz off do realizador construída a partir do seu próprio processo migratório e sobreposta a um longos travellings nos espaços rurais em Portugal e até aos espaços de habitação em Malcata em dia de festa contrastando com as imagens da vida quotidiana no bidonville de Massy, fragmentos da imprensa da época e imagens das manifestações e da greve de maio de 1968. As pequenas histórias pessoais. As imagens, os discursos e jornais portugueses de arquivo caracterizam a situação política portuguesa e as causas da emigração. Na interlocação com os migrantes regressados faz-se o balanço do processo migratório: as dificuldades da vida quotidiana nos bidonville, a falta da família a vergonha de regressar sem sucesso, os equívocos da migração, a consciência de terem pedido o período melhor da vida numa decisão que agora avaliam como no melhor dos casos como ambígua no seu valor. O cenário é também ambíguo – uma procissão de idosos percorre um caminho deserto, pedregoso e desemboca na aldeia com casa cuidadas (casas dos emigrantes). É aí que se conta a história caleidoscópica da migração – os sucessos e insucessos, as dificuldades, o ajuste de contas com a vida.

No filme está já inscrita a ideia do filme seguinte de José Vieira - *Les émigrés* (2009) a de desterritorialização dos migrantes. Os migrantes sentem-se nem num lugar nem noutra. A migração cria os projetos impossíveis, carrega consigo a ausência, destrói a relação com o lugar onde os migrantes pensavam morrer. Para colmatar estas perdas entram numa viagem contínua entre a origem e o destino. Estes mesmos lugares origem e destino igualmente ambíguos, ambivalente.

Os filmes de José Vieira documentam os processos migratórios iniciado em meados de anos de 1960 e constituem preciosa fonte de informação histórica, sociológica, antropológica, artística e de memória a preservar, a estudar, a utilizar no âmbito das atividades sociais e culturais das comunidades migrantes, com as comunidades migrantes e da comunidade científica e artística e com a comunidade científica.

Bibliografia e Filmografia

ARCAR, Valerio (2008) *Maio de 68: a última onda revolucionária que atingiu o centro do capitalismo*, DOI: 10.4025/actascomunismosoc.v3i02.3205.

BECK, Ulrich (2013) *A Europa Alemã, de Maquiavel a “Merkievel”, estratégias de poder na crise do Euro*, Lisboa: Edições 70.

BENJAMIN, Walter (1992), *Sobre a Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio d'Água.

BRUNSWIC, Anne (2009) *Entretien avec José Vieira - annebrunswic.fr/202-Entretien-avec-Jose-Vieira*.

DOYLE, Clare (2008) *França Maio de 1968 Mês da Revolução Lições da Greve Geral*, <http://www.lsr-cit.org/publicacoes/366-franca-de-1968-mes-da-revolucao-licoesda-greve-geral>.

HENNEBELLE, Guy et SCHNEIDER, Roland, *CinémAction* n° 56 - Hommes et migrations, juillet 1990, éd. Corlet - Télérama, 192 p.

NANFICY, Hamid (2001) *An Accented Cinema: Exilic and Diasporic Filmmaking*. Princeton: Princeton University Press.

PEREIRA, José Pacheco (1968) DOSSIER documentação, testemunho de uma igreja, maio de 1968.

POVOS E CULTURAS, **12 - Reflexos do Maio de '68 na Sociedade Portuguesa**, Lisboa, CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2008, 296p.

RIBEIRO, Daniela; LIBERATO, Gabriela e all (2008) Maio de 1968: Paixão Revolucionário, http://www.desenhandoofuturo.com.br/anexos/anaais/design_e_sociedade/maio_de_1968_paixao_revolucionaria.pdf.

RIBEIRO, José da Silva (2004), “As palavras e as imagens na investigação em antropologia, práticas iniciáticas e novos desafios” em em ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz *Migrações: História, Memória e Imagens*, 191-220, Lisboa: Celta.

RIBEIRO, José da Silva (2009) “Cinema e Migrações em Portugal”, em BERGE, Julio Hernández e LOPO, Domingo L. González, *Cine y Emigración*, Universidade de Santiago de Compostela.

RIBEIRO, José da Silva (2012) “Imagens e sonoridades migrantes. Mobilidade dos povos e imagens em Movimento” em Cole, Ariane Daniela e Ribeiro, José da Silva (org.) (2012), *Antropologia, Arte e Sociedade*, S. Paulo: Altamira Editorial. Pp 484-495.

RIBEIRO, José da Silva e Horta, Ana Paula Beja (2010) Imagens e sonoridades das migrações. Base de dados, Cadernos OI, ACIDI.

RIBEIRO, José da Silva e Horta, Ana Paula Beja (2010) Imagens e sonoridades das migrações. Base de dados. <http://www.itacaproject.com>.

Ribeiro, José da Silva, 2010 “Dispositivo hipermediático de leitura e análise de filmes” em *imagens e sonoridades das migrações*, atas da I Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação, Avança.

SOUSA, A. Teixeira (1973) “Trabalhadores portugueses e sindicatos franceses na Região de Paris: contribuição para o estudo das suas relações”, *Análise Social*, Ano 10, N° 39 , ICS pp. 508-551.

VIEIRA, José (2005) *Os Arquivos do Salto: portugueses em destaque – imprensa*, Paris: La Huit.

VIEIRA, José (2006) *Le pays où l'on ne revient jamais*, Paris: La Huit.

VIEIRA, José (2008) *Le Drôle de de mai. Chronique des années de boue*, Paris: La Huit.

VIEIRA, José (2009) *Les émigrés*, Paris: Aléas.